



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v59i1.3600>

RELIGIÃO COMO OFERTA DE SENTIDO EM CASOS DE VIOLÊNCIA¹

*Religion as an offer of meaning
in cases of violence*

Katiuska Florencia Serafin Nieves²
Carolina Teles Lemos³

Resumo: Atualmente, em diversos locais e espaços sociais, a violência agride, fere, desonra, humilha, ultraja, maltrata, muda, transforma de modo direto ou indireto a vida de indivíduos, famílias e povos inteiros, conduzindo todos compulsoriamente a enfrentar o desafio imposto pela adversidade, dor e sofrimento, ao mesmo tempo em que o imponderável pode lhes possibilitar novas e inesperadas aberturas para buscar “um sentido da vida”: vida individual, vida coletiva. Esta pesquisa, de natureza biográfica, compreende a análise teórico-empírica da história de vida de uma mulher que sofreu e ainda se encontra em contexto de violência. Objetivou-se, por meio de entrevista com questionário semiestruturado e recorrendo a categorias como violência, religião e sentido, identificar que sentido de vida o sujeito **A** construiu no seu cotidiano e se a religião se apresenta a ela como fator que contribui para sua construção naquele contexto. De modo qualitativo, avaliou-se que o sujeito **A** fundamenta sua mística religiosa na busca de sentido às suas situações de violência, de modo a sustentar suas atitudes positivas no curso da vida, marcada por injustiças e silêncio social.

Palavras-chave: Religião. Violência. Resiliência.

Abstract: Currently, in various places and social spaces, violence harms, injures, dishonours, humiliates, outrages, maltreats, changes, directly or indirectly transforms the lives of individuals, families and whole peoples, leading everyone compulsorily to face the challenge imposed by adversity, pain and suffering, at the same time that the imponderable can allow them new and unexpected openings to seek “a meaning of life”: individual life, collective life. This biographical research comprises the

¹ O artigo foi recebido em 23 de fevereiro de 2019 e aprovado em 25 de abril de 2019 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Mestra em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2018) em Goiânia/GO, onde cursa o doutorado. Contato: katiuskaserafin@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1998). Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em Goiânia/GO. Contato: cetelemos@uol.com.br

theoretical-empirical analysis of the life history of a woman who has suffered and is still in the context of violence. The objective was to interview with a semi-structured questionnaire and using categories such as violence, religion and resilience, to identify which meaning of life the subject **A** has built in her daily life and whether religion presents itself as a factor that contributes for her construction in that context. In a qualitative way, it was evaluated that subject **A** based her religious mysticism in the pursuit of meaning as to her situations of violence, in order to sustain her positive attitudes in the course of life, marked by injustices and social silence.

Keywords: Religion. Violence. Resilience.

Introdução

A partir de um contexto local, no caso, a cidade de Itaberaí, município localizado no interior de Goiás, este trabalho de pesquisa de campo⁴ refere-se a quatro histórias de vida de quatro mulheres que tiveram experiências em situações de violência. Considerando-se os limites de espaços deste artigo, apresentamos aqui somente a história de vida de uma delas, caracterizada como sujeito **A**, analisada à luz de duas categorias centrais: *religião* e *violência*. Sentido representa uma terceira categoria que visa articular as duas anteriores.

Trata-se de pesquisa qualitativa, na qual coletamos as informações por meio da fala do sujeito, pois entendemos ser essa a forma de comunicação mais privilegiada quando se deseja compreender os significados que os sujeitos conferem às suas experiências de vida. As respostas às questões previamente elaboradas revelaram as condições estruturais, os sistemas de valores, as normas e os símbolos que compõem as representações sociais⁵ sobre a experiência de sofrimento pelo qual está passando o sujeito **A**.

Num segundo momento e de forma interpenetrada, realizou-se a interpretação dos relatos tomando-se como categorias de análise as estruturas sociais que objetivam a relação e a percepção subjetiva da mulher diante da violência (história vivida) e a forma como ela enfrenta os efeitos individuais e sociais da violência nos tempos que retratam o passado, presente e futuro (história narrada). Como afirmam Berger e Luckmann⁶, se considerado de forma dialética, o olhar sobre a experiência humana considera que “o universo simbólico é concebido como a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais. A sociedade histórica inteira e toda a biografia do indivíduo são vistas como acontecimentos que se passam *dentro* deste universo”.

⁴ O projeto da pesquisa de campo foi aprovado pelo Comitê de Ética (CEP - PUC Goiás), no dia 05 de maio de 2017. CAAE: 66846817.7.0000.0037.

⁵ MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Rio de Janeiro: Hucitec, 2007. p. 204.

⁶ BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 127.

Para a fundamentação teórica, definiram-se duas categorias: violência e religião, que deram origem a onze perguntas semiestruturadas elaboradas para o instrumento de coleta de dados.⁷ A transcrição e análise dos dados seguiram as orientações de Bardin⁸, ao afirmar que na análise da enunciação de entrevistas abertas se observem as proposições e se faça análise lógica, depois sequencial, com destaque ao ritmo, a progressão e as rupturas do discurso. Coerente com tal proposição, analisou-se o discurso do sujeito A com atenção a: a) repetições de palavras ou temas; b) lapsos de ideias que poderiam significar defesas; c) ilogismos, bloqueio de pensamento; d) lugares comuns; e) jogos de palavras; f) figuras de retórica. Houve momentos em que, para não perdermos o sentido do que estava sendo expressado, procedemos à transcrição literal de partes das falas do referido sujeito.

O artigo estrutura-se em três partes: a primeira apresenta as principais categorias teóricas; a segunda traz informações sobre a situação de violência na atualidade, destacando-se o município de Itaberai, interior de Goiás, espaço onde a investigação foi realizada; e a terceira parte apresenta as narrativas do sujeito A, analisadas à luz das categorias propostas.

Religião e violência: sentido como elemento articulador entre as duas categorias

Para Geertz⁹, uma das principais funções da religião é a oferta de sentido nas mais diversas situações de vida, principalmente naquelas que representam sofrimento para os seres humanos. O “sentido” da vida “não pode ser inventado, ele precisa ser descoberto”¹⁰. Nas aberturas para a descoberta de sentido da vida, destaca-se o papel da religião como demarcadora da verdadeira grandeza humana para a vivência em tempos de crise, violência ou de pacificação. É nesse sentido que apresentamos a religião como um dos mecanismos de proteção dos sujeitos em situações de violência. Mas de que se trata quando falamos de religião?

Diversas são as concepções acerca do conceito ou definição da religião, como observadas por Crawford¹¹, tendo por base “o sagrado”, como princípio ou essência, ou, por outro lado, tendo a religião como um “nome coletivo”, que se agrega e traz sentido, e que também não deixa de ser, entre vários aspectos, um sistema cultural simbólico. Nesse sentido, como afirma Geertz¹², “a força de uma religião ao apoiar os valores sociais repousa, pois, na capacidade dos seus símbolos de formularem o mundo no qual esses valores, bem como as forças que se opõem à sua compreensão, são ingredientes fundamentais”. Nessa direção, a religião pode representar “o poder

⁷ LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. p. 42.

⁸ BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, [s.d.].

⁹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

¹⁰ FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2003. p. 66.

¹¹ CRAWFORD, Robert. *O que é religião?* Petrópolis: Vozes, 2005. p. 19.

¹² GEERTZ, 1989, p. 96.

da imaginação humana de construir uma imagem da realidade na qual ‘os acontecimentos não estão apenas lá e acontecem, mas têm um significado e acontecem por causa desse significado’¹³. Noutros termos, “[...] a religião, fundindo o *ethos* e a visão de mundo, dá ao conjunto de valores sociais aquilo que eles talvez mais precisem para serem coercivos; uma aparência de objetividade”¹⁴. Como afirmam Berger e Luckmann¹⁵, “a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo”, tendo em vista que o “mundo socialmente construído se legitima a si mesmo em virtude da sua facticidade objetiva”¹⁶.

Se a sociedade é parte da realidade da cultura, a religião compõe, nesta realidade humana, um “sistema cultural simbólico”. Se a sociedade é *sui generis*, isso dá condição de refletir que nela as interseccionalidades dos marcadores de enquadramento da violência, entrecruzando sentidos profundos de vida que tencionam, levam a descobrir que na religião – mundo do sagrado e de salvação garantida por uma ordem superior – as teias de significados podem não só deslocar as ações humanas pela esperança de salvação, como propiciar no mundo o desenvolvimento de imponderáveis valores para (sobre)viver. Se é assim, onde e como se articulam as concepções de religião e violência, ou melhor, como podemos entender a violência, para que a relação desta com a religião, tendo por objetivo a construção de sentidos, possa ser entendida?

A *violência*, como outra categoria de análise, é explicada considerando-se as noções construídas por Hannah Arendt¹⁷ e por Marilena Chauí¹⁸ e outros teóricos das Ciências Sociais. Para Arendt¹⁹, a violência é, por sua própria natureza, instrumental. Ao diferenciar e ao mesmo tempo esclarecer as relações entre violência e poder, a autora afirma que a violência é meio, enquanto o poder é fim, pois “a forma extrema de poder é o Todos contra Um, a forma extrema da violência é o Um contra Todos”²⁰, e “a prática da violência, como toda ação, transforma o mundo, mas a transformação mais provável é em um mundo mais violento”²¹. Dessa forma, Arendt, ao refletir sobre as causas da violência, nos ensina que “a diminuição do poder, seja individual, coletivo ou institucional é sempre um fator que pode levar à violência [...]”. Muito da presente glorificação da violência é causada pela severa frustração da faculdade de ação do mundo moderno”²².

Considerando que a situação de violência vivenciada pelo sujeito que estamos analisando se dá em um espaço de relações extremamente desigual de poder entre ela e as demais categorias sociais que a rodeiam, torna-se importante considerar o que

¹³ GEERTZ, 1989, p. 96.

¹⁴ GEERTZ, 1989, p. 96.

¹⁵ BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Dossel Sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 41.

¹⁶ BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 43.

¹⁷ ARENDT, Hannah. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹⁸ CHAUI, Marilena. Uma Ideologia Perversa. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Mais!, p. 3, 14 mar. 1999.

¹⁹ ARENDT, 2011, p. 28.

²⁰ ARENDT, 2011, p. 48.

²¹ ARENDT, 2011, p. 58.

²² ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 62.

destaca Arendt sobre a relação entre violência e poder. Para a autora²³, a violência se instala onde não existe poder. Ou seja, a violência tem caráter instrumental e a dominação e a obediência são construídas pela coerção, dessa forma o domínio pela pura violência advém de onde o poder está sendo perdido.²⁴ Para ela, onde o poder se encolhe, a violência se instala.

Uma outra autora que esclarece sobre a categoria de violência e a relação desta com o poder e com a ocultação da violência é Chauí²⁵. Segundo a autora, existem dispositivos jurídicos, sociológicos, de exclusão, de distinção, que são responsáveis pelo ocultamento da violência. A autora, então, conceitua violência como tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser; todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém; todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade; todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como um direito.²⁶

As categorias acima apresentadas contribuem para a análise do contexto histórico estatístico da violência dos últimos dez anos no Brasil e, de modo particular, na cidade de Itaberaí, Goiás, que passa a ser considerada, neste trabalho, como contexto em que o sujeito A experimenta e narra a violência sofrida.

As faces da violência na sociedade atual: Itaberaí

Em relação à presença da violência no Brasil, na atualidade, os dados apresentados no Atlas da Violência 2017, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada²⁷ (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), e o Mapa da Violência 2016 sobre Mortes por Armas de Fogo, elaborado por Julio Jacobo Waiselfisz, revelam uma visão geral da estatística da violência no Brasil no decênio correspondente ao período de 2005-2015.

Embora o Mapa de Violência de 2016 dê enfoque específico a homicídios causados por armas de fogo, conjuga informações comuns com o Atlas da Violência de 2017, ao usar dados de causas de mortes segundo a classificação proposta no Código Internacional de Doenças da 10ª Edição (CID-10), que contempla outras causas externas de morte, como, por exemplo, acidentes letais, incluindo os acidentes de trânsito, os suicídios, outras agressões decorrentes de roubos e brigas de rua que levam a óbito, intervenções policiais e, ainda, outras mortes por causas indeterminadas, que

São assim classificadas quando o óbito se deu por causa não natural, ao mesmo tempo em que os profissionais envolvidos no sistema de informações sobre mortalidade (isto

²³ ARENDT, 2009, p. 60-61.

²⁴ ARENDT, 2009, p. 63.

²⁵ CHAUÍ, 1999, p. 3.

²⁶ CHAUÍ, 1999, p. 3.

²⁷ Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/20170712_atlas-violencia2.pdf>. Acesso em: 07 out. 2017.

é, médicos legistas, gestores da saúde, policiais, incluindo peritos criminais, etc.) não conseguiram informar a motivação primeira que desencadeou todo o processo mórbido²⁸.

Em 2014, o Mapa de Violência apresentou acentuado aumento de mortes por diversas causas externas nas últimas três décadas, o que passou a ser retratado no Atlas da Violência 2017, destacando-se uma elevada taxa de homicídios por grupos de habitantes. O Atlas da violência indica que esse crescimento se apresentou principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil²⁹; e, especificamente, no estado de Goiás a taxa de homicídios (por 100 mil habitantes) mudou drasticamente de 26,1 em 2005 para 45,3 em 2015, colocando Goiás no quarto lugar de violência homicida, precedido pelos estados de Alagoas, Ceará e Sergipe, que ocupam os primeiros lugares em razão das taxas de mortalidade por homicídio.

Nesse cenário, a violência mostra seu efeito letal especialmente sobre alguns segmentos da sociedade, entre eles os dos jovens, mulheres e negros, como bem advertem os mencionados pesquisadores. A taxa de homicídios de jovens (de 15 a 29 anos de idade) no Brasil cresceu 17,2%, passando de 51,9 no ano 2005 para 60,9 em 2015. Nesse mesmo período, no estado de Goiás, os homicídios tiveram um aumento de 94,9% no grupo de jovens.³⁰

Recortando-se aspectos da violência no Brasil, a cidade de Itaberaí, Goiás, nesta pesquisa, representa uma parcela dessa realidade que possibilita realizar estudos acadêmicos, a fim de, pela crítica científica, visibilizar situações silenciadas pela força da estrutura político-social ou pelas condições de desigualdades impostas.

Itaberaí³¹, fundada em 1868, é um município do estado de Goiás com uma área geográfica de 1.457,280 km e, segundo o último censo realizado pelo IBGE, a sua população totaliza 35.371 habitantes. No entanto, na atualidade, estima-se que o número de habitantes indicado no censo tenha aumentado significativamente. Alguns indícios desse crescimento são os novos bairros habitados por construções particulares ou planejados e construídos pelo programa do Governo Federal “Minha casa, minha vida”³².

Segundo os dados oferecidos por um site de notícias, “o município de Itaberaí é a 27ª economia do estado de Goiás com o Produto Interno Bruto (PIB) (riqueza produzida) de R\$ 592.911,66 milhões em 2010. [...] O PIB per capita itaberino (total

²⁸ CERQUEIRA et al. *Atlas de violência 2017*. IPEA. Rio de Janeiro, jun. 2017, p. 48. PDF Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

²⁹ CERQUEIRA, 2017, p. 48.

³⁰ CERQUEIRA, 2017, p. 31.

³¹ Dados obtidos na página do IBGE: Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=521040&search=|infor%EFicos:-dados-gerais-do-munic%EDpio>>. Acesso em: 12 set. 2018.

³² Projeto do Governo Federal, que, em convênio com os municípios, subsidia a construção de casas populares destinadas à famílias de baixa renda. A prefeitura de Itaberaí desenvolveu o projeto “Minha casa minha vida”, e no ano 2014 entregou 270 casas às famílias de itaberinos e migrantes de baixa renda, no setor de Itavilly, na periferia do município, na saída para Itapuranga. Esse programa continua sendo desenvolvido com a construção de novas casas.

gerado dividido por cada habitante) é de R\$ 16.743,24³³. Sem dúvida representa uma posição avantajada no conjunto dos 246 municípios³⁴ que integram o estado de Goiás e teoricamente apresenta-se como uma realidade municipal próspera. Entretanto, nos últimos anos, o cenário socioeconômico do município vem mudando, marcado pelo crescimento demográfico devido à migração interna no Brasil, especialmente vindos da região Nordeste do país. É, portanto, uma cidade constituída com característica de diferentes povos migrantes, como portugueses, alemães, italianos, nordestinos, sulistas, paulistas, mineiros etc. Economicamente ela se desenvolve com a pecuária, agricultura, serviços e indústrias.

Muitos dos migrantes vêm para trabalhar no corte da cana das grandes destiladoras de álcool, em empresas como Inhumas Centroalcohol S/A ou Anicuns S/A e derivados. Outras pessoas vêm com promessas de grandes benefícios e melhoria de vida, para trabalhar na empresa Superfrango³⁵. Muitas pessoas encontram nessas firmas sua única fonte de renda.

Nos últimos dez anos, houve um aumento visível de mortes violentas no município de Itaberaí, causadas por acidente de trânsito envolvendo especialmente carros, motoboys e ciclistas; assim como brigas na rua, latrocínio e especialmente de homicídios por armas de fogo. Este último aspecto situa Itaberaí no mapa de violência³⁶, colocando essa cidade no 70º lugar entre os municípios mais violentos do estado de Goiás, e o 1.678º lugar no conjunto dos municípios do Brasil com mais de 10 mil habitantes. Assim, as manifestações de violência cada vez mais frequentes no município coloca Itaberaí diante de um fato que os pesquisadores denominaram como fenômeno da interiorização da violência.³⁷

Com esse dado, foi possível perceber que a violência, de certa forma, deslocou-se das grandes capitais para o interior dos estados. No entanto, a constatação desse fenômeno é recente na consciência social dos moradores de Itaberaí; sua abordagem por entidades públicas e em geral da sociedade civil é tímida.

Dessa realidade local pode-se verificar que a violência se estrutura num movimento sincrônico de elevado aumento nas cidades, estados e, de modo amplo, no país. A violência é um fenômeno que se agrava por diversas razões. O aumento populacional, a questão econômica e o deslocamento dos grandes centros para o interior do país se fortalecem mais pelo imaginário de que nessas regiões as políticas de repressão e medo são mais amenas e que há políticas públicas garantidoras da integração social.

³³ Itaberaí é a 27ª cidade mais rica de Goiás. Disponível em: <<http://www.portalitaberaí.com.br/index.php?acao=coluna&id=521>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

³⁴ Informação sobre os municípios de cada estado. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indicadores_sociais_municipais/tabela1e.shtm>. Acesso em: 23 ago. 2018.

³⁵ Grande parte da riqueza produzida em Itaberaí se deve ao crescimento do comércio e da indústria, principalmente da empresa Superfrango, que abate 220 mil aves/dia e exporta para vários países. Disponível em: <<http://www.portalitaberaí.com.br/index.php?acao=coluna&id=521>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

³⁶ Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

³⁷ WAISELFISZ, Julio J. *Mapa de violência 2014*. Os jovens do Brasil. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Mapa-2014-Jovens-Brasil-vers%C3%A3o-Preliminar.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2018. p. 42.

No entanto, a ausência de ações preventivas e os movimentos sociais que se enfraquecem ou são inexistentes favorecem a presença de índices alarmantes de perdas humanas pela violência. A história de nosso sujeito **A** se insere nesse contexto de violência.

História de vida: experiências vividas e narradas

Nesta investigação, buscou-se descobrir qual era o sentido de vida apresentado pelo sujeito **A** e como ela vai mantendo esse sentido. Que papel desempenha a religião para ela nesse processo.

De modo fenomenológico e interpretativo, a concepção de sentido(s) no (re)fazimento de vidas esfaceladas pela violência terá por base a noção de religião, que, segundo Clifford Geertz³⁸, compreende o mundo simbólico e cultural, pois:

O que quer que a religião possa ser, além disso, ela é, em parte, uma tentativa (de uma espécie implícita e diretamente sentida, em vez de explícita e conscientemente pensada) de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta³⁹.

Que provisões de significados o sujeito **A** busca conservar? O contexto social por ela descrito é precário, tanto do ponto de vista material como social: “*A gente é de família muito humilde, nós foi criado na roça, trabalhando, nem leitura nós não tem, mas é isso*”. Ao referir-se à placa que foi colocada no túmulo de seu esposo, no cemitério municipal de Itaberaí, Goiás, ela afirma: “*Carente é quando a gente não tem, né? [...] é porque a gente é pobre demais e não tem condição de fazer um enterro digno, né?*”.

A violência sofrida por essa mulher representa uma nova situação – de caráter problemático – na vida cotidiana, já que interrompe a continuidade da ordem significativa de sua vida, a partir da qual ela aciona diversos mecanismos, subjetivos e intersubjetivos, para integrar ou superar o estado de desordem provocado em sua vida.

Gabriele Rosenthal⁴⁰ explica que a história vivida compreende fatos da experiência cotidiana ocorridos em determinados momentos da vida, de algum modo, experienciados no ato de declarar sobre eles; e a história narrada consiste em uma forma de lidar, atualizando-se as experiências vividas e que se vivenciam no plano da consciência num processo de recordação e narração. Neste caso, como afirma Geertz⁴¹, o movimento “enigmático” e dialético do processo de vivência e narração passa a ser identificado à medida que a descrição dos relatos for sendo interpretada, pois a ação interpretativa compreende “o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis”. Sendo assim, como afirmam Berger e Luckmann⁴²,

³⁸ GEERTZ, 1989, p. 4.

³⁹ GEERTZ, 1989, p. 93.

⁴⁰ ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social: uma introdução*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 219.

⁴¹ GEERTZ, 1989, p. 15.

⁴² BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 18.

o indivíduo é um produtor de significados, de sentidos. Isto é, num movimento de consequência ou superação biológica, “o homem precisa *fazer* um mundo para si”.

No processo de produção de sentido, a análise sobre a violência e sua superação implica considerar a importância ou não da religião, bem como os mecanismos de interpretação para alcançar a essência, em termos de sentidos subjetivos e objetivos, que compõem a rede de significados que se entrelaçam na história vivida e narrada. Noutras palavras, para se descobrir o significado de toda trama de uma história, pessoa, ritual, instituição, sociedade, torna-se necessário realizar “uma boa interpretação” que leve ao seu “cerne”⁴³.

O sujeito **A** é uma mulher de aproximadamente 60 anos de idade, negra, de baixa renda, aposentada, filha de migrantes baianos, criada no interior de Goiás. Atualmente moradora de uma casa construída pelo programa Minha Casa Minha Vida. Ela teve vários relacionamentos afetivos, ficou viúva em dois deles, uma vez por causa do assassinato do seu esposo. Atualmente, tem uma relação estável e é mãe de três filhos (duas meninas e um menino). A filha mais velha foi criada pela madrinha. A outra filha e o filho foram criados por ela mesma.

Além da pobreza e suas desigualdades, reconhecem-se outras faces da violência que marcaram a vida desta mulher: o assassinato do seu esposo **Z**, perpetrado pelo próprio filho (**F**) de **A**, enteadado de **Z**: “*O F, meu filho, ele tinha bebido quando aconteceu o fato dele chegar de matar o companheiro meu, né?*”. Lembrando o dia dos fatos, **A** relata: “*Aí nisso chegou ambulância levou ele (Z) para o hospital já sem vida e o F foi para cadeia*”. [...] “*Eu senti acabada, acabada assim que parece que estava tudo acabado para mim assim e até hoje que eu penso doe [...]*”.

No contexto geral, a análise das biografias pessoais de **A** será orientada “por esquemas interpretativos”⁴⁴, que se relacionam no “ponto do espaço social”, tanto do sujeito pesquisado como das pesquisadoras. Por espaço social entende-se a construção ou a estruturação em que os agentes ou os grupos são distribuídos em função da sua posição ou diferenciação social.⁴⁵ Seguindo essa metodologia, percebe-se que a leitura que **A** faz sobre o ressentimento do enteado contra o padrasto teria uma razão mais profunda do que o uso de drogas lícitas ou ilícitas por parte do filho (**F**). Seria o resultado de uma vingança jurada em ocasião de outra violência no âmbito doméstico, pois **Z** tinha batido em **A**: “*Aí ele (F) fala que foi porque ele (Z) bateu em mim, e ele falou que um dia vingava, eu falava não, não é para fazer isso não, é para pôr nas mãos de Deus. E esqueceu, nós esqueceu até o dia que chegou que ele (F) fez. Foi muito triste, muito doído para mim, que um estava debaixo do chão, outro estava na cadeia, foi sofrido [...]*”.

⁴³ GEERTZ, 1989, p. 13.

⁴⁴ BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 712.

⁴⁵ BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 51.

Berger e Luckmann⁴⁶ consideram que os “esquemas interpretativos resultam de experiências anteriores e já sedimentadas”, de tal forma que dialeticamente “o significado” das experiências vividas pelos indivíduos constrói-se como “atos interpretativos”, de tal forma que novos significados podem ao mesmo tempo gerar novos esquemas interpretativos.⁴⁷ É o que se pode ir percebendo no processo de interpretação que **A** vai fazendo sobre o ato de violência perpetrado por **F**: ele praticou a violência para resgatar uma outra violência já praticada anteriormente.

Seja no universo, seja num espaço social desse universo, a cultura vincula à noção de conjunto de atos simbólicos, tendo por objetivo a análise do discurso social⁴⁸ e, nele, problemas de experiências humanas, no caso, o contexto de violência em que a vida de **A** está inserida. No que tange ao papel da cultura na vida dos seres humanos, “o que tem particular importância é que as situações marginais da vida do indivíduo (marginais no sentido de não estarem incluídas na realidade na existência cotidiana na sociedade) são também abrangidas pelo universo simbólico”⁴⁹. E **A**, que já havia colocado a violência sofrida pelos espancamentos do marido nas mãos de Deus, se vê na necessidade de encontrar significados agora para a violência do filho.

Todo contexto da vida de **A** é de violência doméstica, e ela necessita realizar um árduo trabalho para não sucumbir a tal contexto. A respeito da violência física que sofreu no âmbito familiar, **A** recorda: “[...] *um desses maridos que faleceu bateu, meu olho ficou todo roxo*”. “*O motivo é que ele bebeu e ficou agressivo.*” E descreve: “[...] *eu trabalhava, eu cheguei do serviço e ele já estava bêbado, tinha bebido na rua e quebrou uns pratos e enfezei, chamei a mãe dele para dar um jeito nele, aí dei um empurrão nele e ele me deu um murro, eu chamei a mãe dele para ver que eu estava cansada, que eu tinha chegado cansada do serviço e ele me bateu*”.

Nesse sentido **A** entende que o comportamento e as atitudes de **Z** de alguma forma contribuem com a situação de empobrecimento na qual se encontram, pois gastar dinheiro em bebidas alcoólicas, ser agressivo e quebrar os pratos enfraqueciam tanto a relação deles como parceiros como os esforços em vista de melhores condições de vida; havia nas atitudes de **Z** um desperdício dos recursos materiais e econômicos que com tanto esforço conseguem: “[...] *é difícil ficar pelejando com uma pessoa que quer que a pessoa cresça, faça alguma coisa e a pessoa não entende, né?*”.

As declarações da entrevistada transmitem o contexto de seu espaço social, e o esforço das pesquisadoras será situar como “um lugar onde sua visão do mundo se tornar evidente, necessária [...]”⁵⁰.

Nos relatos de **A**, no plano empírico, visa-se à identificação de aspectos, denominados de violência e resistência, a fim de analisá-los como fenômenos sociais e experiências individuais, de natureza de risco ou de cunho protetivo, impostos na

⁴⁶ BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 67.

⁴⁷ BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 66.

⁴⁸ GEERTZ, 1989, p. 18.

⁴⁹ BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 127.

⁵⁰ BOURDIEU, 1997, p. 712.

constituição de sentidos ou de novos sentidos da existência humana. Tais processos, por meio de experiência religiosa, ativam contornos de resiliência como possibilidade de estabelecer outro curso de ação no cotidiano, enfrentando e superando a “anormalidade” anteriormente estruturada num espaço social específico, concebido como posições relativas de agentes e grupos e de práticas sociais legitimadas em dadas circunstâncias de disponibilidade de “classes” que representam:

O mundo social em forma de um espaço (a várias dimensões) construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social considerado, quer dizer, apropriadas a conferir, ao detentor delas, forças ou poder neste universo⁵¹.

Sobre os sentimentos e marcas na história vivida e no processo de reconstrução da história narrada, A expressa: “*A gente quase perde a cabeça, a gente pensa em suicidar; em fazer alguma coisa, mas Deus é muito Pai, eu pensei duas vezes em suicidar para sair, assim para mim não escutar mais conversa, nem coisas, né? Porque dói demais*”. Disse ainda que ficava “*com medo da família do Z revoltada em cima de mim*”. E ainda acrescentou: “[...] *a gente fica envergonhada [...] quando acontece com o filho da gente, primeiro vem para as mães e para os pais é porque não soube educar*”. Portanto dor, desesperação, vergonha e culpa foram as experiências mais fortes que A experimentou diante das violências.

Para uma melhor elucidação acerca da análise da violência e dos mecanismos de enfrentamento da violência, inclusive a partir de um sistema religioso simbólico, deu-se prevalência ao conceito de cultura como uma “ciência interpretativa, à procura de significado”, tendo em vista a busca de uma explicação a respeito do que seja o “construir expressões sociais enigmáticas”⁵². É aí que a religião e seu potencial de contribuir para a construção e manutenção de sentidos podem ser entendidos.

No processo de superação das violências sofridas, A assinala vários fatores, situações e pessoas que contribuíram nesse caminho:

a) A experiência de Deus como Pai, assim ela explica durante esse tempo “*eu pensei muito em Deus*”, e descreveu “*uma vez comprei até o veneno, depois fui beber e parece que Deus revogou, que eu ia beber mesmo. Passou aquele branco na minha cabeça, e eu falei não que bebo e acabo com isso. Aí, Deus é pai, não desampara ninguém e naquela hora parece que tocou no meu coração que não era hora de eu ir [...] que esperasse a hora de eu ir, que Deus sabia*”; assim mesmo ela indica que durante esse tempo participou de várias comunidades cristãs católicas: “*Já fiquei muito na comunidade São Francisco, na Santo Antônio e naquela nossa lá*”; participou de rezas: “*Foi ótima, uma vez rezava na casa da gente, aí ia fazer celebração, ia um dia era na casa de um, outro dia era na casa da gente*”; assim como de outros tipos de celebrações, como A explica: “*Eu sempre que era fim de mês ia de ônibus para Trindade assistir à missa no nosso Divino Pai Eterno*”; A declara-se fiel da igreja

⁵¹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 134-135.

⁵² GEERTZ, 1989, p. 4, 8-10.

católica: “*Eu não vou sair dela, só vou sair dela quando morrer, não troco da minha religião. Gosto muito das minhas folias, das folias dos Santos Reis, sou muito devota ao Divino Pai Eterno, aos Santos Reis*”.

b) **A** também recebeu o apoio de várias pessoas, entre elas um casal de amigos, um parente e uma amiga. O casal de amigos “*M e N foram lá em casa me procurar, que quando eu estava de cabeça baixa chegou lá em casa e falou [...] não é porque você está viúva que eu estou chamando você, que é bom que você distrai*”. **A** lembra que aceitou esse convite e reconheceu seu aspecto favorável no processo de (re)construção, contudo faz uma ressalva: “*Eles que me ensinou erguer a cabeça [...] limpei a igreja e convivi com o povo, um conversava, o outro conversava, mas sempre o sentido estava aí, sabe? Porque você não esquece e foi indo assim, eles me deu muito apoio*”. Força recebida também por uma amiga que não mora na mesma cidade. **A** pondera o acompanhamento que recebeu de um parente que a apoiou economicamente, como ela mesma relata: “*X era muito bom para mim, ajudava eu, conversava, ajudava até nas coisas assim quando a gente é muito fraco, me ajudava muito*”; e na superação da culpa com palavras que a consolaram e animaram: “*X me ajudava e falou assim para mim: ô A, explicava, não é só seu filho que passou por isso, não é só você que passa, não precisa ficar com tanta vergonha, não precisa. Você pode sair, levanta a cabeça e pode sair para rua [...]*”.

c) O sentido do trabalho: **A** explica que tomou a decisão de trabalhar com mais afinco para preencher o tempo e ocupar a mente com outras coisas, como consta na entrevista: “*E falei assim: eu vou trabalhar para ver se eu esqueço*”. Entretanto, reconhece: “*A gente esquece um pouco [...] tem dia que eu trabalho você vê, você esquece mais, porque se não você faz besteira*”.

A externa um sentido profundo de vida fundamentado na crença em Deus e na orientação escolhida para si mesma; que provocaram mudanças da autoimagem para não sucumbir e superar a vergonha e a culpa, as quais socialmente lhe foram atribuídas. Frankl⁵³ racionaliza a percepção acerca do sentido da vida sobre condições duais, isto é, o sentido da vida não se dá simplesmente em estados de desesperos como formas de superações, mas, sim, e também, como meio de se evitar ações que o desespero pode conduzir, a exemplo do suicídio. Negar a morte, sob qualquer circunstância, é uma questão de sentido que o indivíduo pode atribuir como forma de “luta pelo sentido” na trajetória de sua vida. Noutras palavras: “*A questão do sentido também é candente nos campos de morte, nos leitos de morte*”⁵⁴, e por que não dizer na luta de sentido para se evitar a morte pelo suicídio. Como disse Frankl, primeiro se deve “*permanecer com vida*”, depois se esclarece a “*questão do sentido*”, e com isso se pode “*partir e morrer*”⁵⁵.

A condição socioeconômica de **A**, embora confronte com a estrutura social de desigualdade, revela outros valores de resgate da própria vida humana, promovendo

⁵³ FRANKL, 2003.

⁵⁴ FRANKL, 2003, p. 35.

⁵⁵ FRANKL, 2003, p. 35.

sentido de transformação para continuar vivendo. É preciso postular, portanto, que “pensar o trágico da existência, isto é, o conflito intransponível dos valores, não é necessariamente retirarmo-nos da existência, nem proibir-nos de agir”⁵⁶. A age e reage, mas tem uma vida que, culturalmente, recebe os dardos negativos de uma sociedade indiferente e promotora de desigualdade.

Assim, a busca de sentido em face da dor e do sofrimento constitui uma “força motivadora” para o indivíduo, em vista de enfrentar, resistir, superar, defender-se, (re)significar, dentre outros, suscitando processos autotranscendentes direcionados para a realização da vontade de sobreviver ou para Deus. Não se abandona, todavia, a ideia de que a experiência religiosa permite ao indivíduo apropriar-se de forma consciente ou inconsciente de Deus e valores que podem ser de índole criativa na existencialidade humana. Numa definição operacional da religião, independentemente da concepção teísta ou ateuísta, Frankl⁵⁷ diria que “*Deus é o parceiro de nossos mais íntimos diálogos conosco mesmos*”.

Ideias conclusivas

A história de vida de A, situada no contexto amplo das estatísticas sobre violência no Brasil, confirma que a violência possui uma natureza política, porque é um instrumento de arbitragem no estabelecimento das relações de poder e, ao mesmo tempo, racional, porque define os meios para a manutenção do poder de determinados sujeitos.

No estado de Goiás, o crescimento acelerado da violência denuncia um modelo de relações patriarcais vivenciado pelas mulheres que é veiculado por diversas formas de violência doméstica e social que atingem diretamente suas vidas, seus corpos, suas vontades, seus sonhos, e, especialmente, a vida de seus filhos e filhas assassinados, presos ou maltratados, pelo qual elas também são culpabilizadas em razão do papel da maternidade. Nos depoimentos de A, percebe-se que a dor ocasionada pela violência não se supera totalmente, uma vez que as experiências vivenciadas não se apagam da memória, não se esquecem. No entanto, na sua vida cotidiana, ela interpreta e (re)significa os fatos do passado, de tal forma que o mundo e suas relações se tornem coerentes e providos de sentido, amenizando ou diminuindo dessa forma a dor.

O sentido, que pode reforçar habilidades de superação e gerar atitudes de enfrentamento efetivo de circunstâncias adversas (no caso, a violência), se expressa nos depoimentos de A a partir de procedimentos interpretativos de história de vida, reconstruída subjetiva e objetivamente, de forma individual, dentro do espaço familiar restrito. Neste sentido, a religião, vivenciada por ela nos espaços do catolicismo popular e suas devoções ou pela procura do “caminho do bem”, pela sublimação dos sentimentos de ódio e revolta como busca da vontade de Deus ou, ainda, pela certeza pessoal de que unicamente Deus salva, apresenta-se a ela como um aspecto dinamizador de processos de reconstrução de sentidos. Desta forma, o aspecto da religião

⁵⁶ TAGUIEFF, Pierre-André. *O racismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. p. 125.

⁵⁷ FRANKL, 2003, p. 90.

observado na história de vida de **A** não se refere unicamente às formas institucionais, mesmo que essas tenham sido mencionadas pela entrevistada. **A** encontra, nas suas crenças, orientação, força e motivação no processo de refazimento de sua vida após a violência. Deus é o Outro presente, um interlocutor nas horas de sofrimento, um Pai que cuida, um colo que aconchega na dor, uma testemunha ouvinte dos clamores, uma voz que revoga, consola, pacifica.

Destaca-se que, no caso de **A**, a ambiguidade da religião, enquanto concepção de que o mesmo Deus que consola também permitiu tal fato, não apareceu, o que revela o quanto as crenças e práticas religiosas dela se lhe configuram como fornecedoras de sentido, pela positividade, e não pela negatividade.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, [s.d.].
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *O Dossel Sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. São Paulo: Paulus, 2013.
- BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. Uma Ideologia Perversa. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Mais!, p. 3, 14 mar. 1999.
- CRAWFORD, Robert. *O que é religião?* Petrópolis: Vozes, 2005.
- FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papirus, 1990.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec, 2007.
- POLETTI, M.; KOLLER, S. H. Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In: KOLLER, D.; DELL'AGLIO, S. H.; YUNES, M. A. M. (Orgs.). *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 19-44.
- ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social: uma introdução*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- SILVEIRA, Daniel R.; MAHFOUD, Miguel. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n. 4, p. 567-576, out./dez. 2008.
- TAGUIEFF, Pierre-André. *O racismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- WASELSZ, Julio J. *Mapa de violência 2014. Os jovens do Brasil*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Mapa-2014-Jovens-Brasil-vers%C3%A3o-Preliminar.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2017.